



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## GRAFFITI EM MONTES CLAROS-MG: SOBRE O FAZER A CIDADE

**Autores:** SARA ANTUNES FONSECA, GIANCARLO MARQUES CARRARO MACHADO

### Introdução

A pesquisa analisa o universo do graffiti na cidade de Montes Claros-MG a fim de compreender os usos e as apropriações das ruas a partir das experiências de uma prática artística<sup>1</sup>. Essa prática leva a uma identificação e sociabilidade entre os jovens. Dentro desse contexto, pretendo pensar como esses atores fazem a cidade (AGIER, 2011) diante da sua própria lógica e prática de espaço. Sair pela cidade à procura de um muro é uma forma de apropriação que faz jus ao direito à cidade (LEFEBVRE, 2001). Em razão disso, focarei as experiências de grafiteiros montesclarenses para situar e compreender como essa arte urbana se expressa a partir de uma ótica cidadina juvenil. Foi nos Estados Unidos, em especial na cidade de Nova Iorque, que a prática do graffiti assumiu o posto de representação estética visual do movimento hip hop (LUTZ, 2001, p. 104). Ocupar as ruas portando uma lata de *spray*, *rolinho*; *canetão* a fim de deixar uma assinatura, símbolo ou desenho possibilita a produção da paisagem e, ao mesmo tempo, o questionamento, ainda que de maneira subversiva, de eventuais segregações urbanas. Toda prática e conjunto de técnica dentro dessas intervenções são vividos pelos adeptos como estilo de vida, forma de afirmação e apropriação desses espaços.

Pretendo analisar por meios das suas ações urbanísticas, uma sociabilidade dos jovens que questiona desigualdades espaciais e sociais. E abordar como essa arte urbana e suas atividades vêm crescendo e se apropriando dos espaços em Montes Claros (MG). Levando em consideração suas origens e significados que permeiam a prática da intervenção do graffiti, fica entendido que ele não se separa do *pixo*. Sem a intenção de distanciar um ao outro, nota-se que ambos estão interligados e enraizados dentro da sua lógica.

### Material e métodos

O ponto inicial para adentrar no universo do graffiti em Montes Claros – MG se deu através de uma postura “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), a fim de observar e de identificar padrões de comportamento. A observação se concretizou no I Festival de Graffiti/StreetArt de Montes Claros, evento que contou com a participação de mais de 100 artistas da cidade e do Brasil (provenientes, em sua maioria, de Belo Horizonte – MG), com a intenção de colorir uma área de 200 metros de muro do Conservatório Lorenzo Fernandes. É essencial o reconhecimento do graffiti como intervenção artística que “altera a paisagem da cidade” (CAMPOS in NAVISUAL, 2017), moldando, assim, a perspectiva dos centros urbanos.

### Resultado e discussão

Montes Claros, junho de 2018. Cheguei ao local pela manhã onde aconteceriam os grafites e outras manifestações do hip-hop. O painel de muro já estava sendo desenhado e colorido. A quadra que compõe o Conservatório Lorenzo Fernandes engloba duas avenidas e uma rua, sendo elas: Av. Dr. João Chaves; Av. Juarez Nunes e rua Afonso Celsio, localizadas no bairro Jardim São Luiz. Havia ali um som diferente, o das latas de spray, além de cores vibrantes por todo lado.

Dentro do conjunto de práticas observadas, destaca-se o ato de troca de assinaturas, tão valorizadas entre os jovens grafiteiros a ponto de ser colecionadas e armazenadas em uma pasta. O caderno possibilita um tipo de sociabilidade e estabelece uma questão de respeito. Conforme Pereira (2010:150), estas experiências envolvem “relações que geralmente se iniciam por uma prática bastante peculiar (...). Essa troca é o modo pelo qual jovens que não se conhecem podem estabelecer um primeiro contato”. Outra representação desse universo que apareceu na cena foi a distribuição de um *sticker*, ou seja, de um adesivo com assinatura própria a partir de uma grafia estilizada. Estas constatações nos permite pensar, conforme aventado por Leal (2017: 43), que “as práticas do graffiti produzem espacialidades somente passíveis de serem identificadas e lidas por aqueles que conseguem navegar pelas representações e signos em jogo”.

<sup>1</sup>A pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) na modalidade iniciação científica (PROINIC/Unimontes).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Durante todo o dia, a produção dos muros do conservatório foi criando cores, formas e movimentos. A presença de telejornais e veículos de comunicação também foi vista. Do lado de fora, na lateral de baixo havia um palco que tocavam músicas no estilo hip-hop. Esse mesmo espaço teve como cena outras práticas cidadinas juvenis como: campeonato de skate, duelo de Mc's e batalhas de rap. Já no período da noite, havia presença de poucos grafiteiros, muitos se articularam em grupos para um *rolê* com a intenção de conhecer o centro da cidade e pintar os muros.

## Considerações finais

Diante da prática cidadina e artística aqui apresentada, é possível se pensar em um *circuito* de graffiti, sendo classificado pelo exercício de uma prática, uso de espaço e meios de sociabilidade (MAGNANI, 2002). A forma como esses grafiteiros fazem a cidade se dá muitas das vezes através de articulações em grupos. A ideia de pertencimento daqueles que compõem esse circuito manifesta-se a partir de letras, desenhos ou símbolos. E que possui como ideia o estranhamento daqueles que não fazem parte desse modo de fazer a rua. Assim, “caracteriza uma forma de escrita e comunicação restrita a quem compartilha dos seus códigos e símbolos culturais, somente sendo compreendida pelos atores que fazem parte deste circuito” (MAGNANI, 2002). Portanto, as articulações dos grupos são desenvolvidas, fomentando suas intervenções urbanas que modificam a forma como outros atores visualizam esses atos. A cidade é vista através de várias óticas e a perspectiva de olhar se altera no decorrer das apropriações desses espaços em Montes Claros.

## Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela concessão de bolsa de iniciação científica. Somos gratos também ao apoio institucional da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) pelo fomento à pesquisa.

## Referências bibliográficas

AGIER, M. *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 213 pp.

LEAL, G. "Graffiti para além dos muros: uso da rua e práticas de enfiamento da cidade". *Enfoques*, vol. 16, nº1, pp.32-44, 2017.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LUTZ, Jennifer. "Taking Up Space: An Interview With Bio of Tats CRU, Inc". *Dance Research Journal*, Vol. 33, nº 2, Social and Popular Dance (Winter), pp. 102-111, 2011.

MAGNANI, J. G. C. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp. 2000

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2002.

MACHADO, G. M. C. "Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo". *Periferia* (Bellaterra), v. 19, pp. 82-107, 2014.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M

ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

NAVISUAL. “Grafite, juventude e cidade: uma entrevista com Ricardo Campos”. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, pp. 217-228, jan/jul, 2017.

PEREIRA, A. B. (2010), “As marcas da cidade: A dinâmica da pixação em São Paulo”. *Lua Nova*, pp. 143-162, 2010.